CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

LUZ E SOMBRAS – REPRESENTAÇÕES DA IDADE MÉDIA NO CINEMA

20 de Dezembro de 2022

A CONQUISTA DE FARO / 2005

um filme de RITA AZEVEDO GOMES

Realização: Rita Azevedo Gomes *Argumento:* Agustina Bessa-Luís *Imagem* (cor): Acácio de Almeida *Som*: Olivier Blanc, Filipe Tavares *Cenários*, *Adereços, Vestuário*: Roberta Chaves, Hugo Chaves *Montagem*: Edgard Feldman, Rita Azevedo Gomes *Montagem de som*: Tiago Matos *Mistura de som*: Joaquim Pinto *Assistentes de realização:* Paulo Guilherme, Jorge Lopes *Assistente de imagem*: Sílvia Diogo *Iluminador*: Maçariku *Apoio à produção e divulgação*: Nuno Rodrigues da Costa *Interpretação*: Rita Durão (a Rapariga dos óculos cor-de-rosa e a moura, Zara), Anísio Franco (Lúcio e o Alcaide de Faro, Aloandro), João Reis (o Professor e o Rei D. Afonso III), Leonor Baldaque (a Mulher do Professor e Dona Brites), Marie Carré (Madame Dumond), João Pedro Bénard (o recepcionista), Manuel Cintra Ferreira (o turista de Faro), Rafael Almeida (tocador de alaúde), Tânia Martins (empregada de mesa).

Produção: Suma Filmes *para* Faro Capital Nacional de Cultura (Portugal, 2005) *Produtor*: Paulo Rocha *Produtor executivo*: João Pedro Bénard *Assistente de produção*: João Gusmão *Cópia*: Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm, cor, 32 minutos *Estreia Mundial:* Festival de Turim, 2005 *Inédito comercialmente Primeiras apresentações na Cinemateca*: 26 de Janeiro de 2006 ("Ante-estreias", com A 15ª PEDRA – MANOEL DE OLIVEIRA E JOÃO BÉNARD DA COSTA EM CONVERSA FILMADA POR RITA AZEVEDO GOMES); 20 de Agosto de 2020 ("Por Uma Canção", com O ÚLTIMO MERGULHO de João César Monteiro).

A CONQUISTA DE FARO é apresentado na mesma sessão de O CORTEJO DO MUNDO PORTUGUÊS de F. Carneiro Mendes, O CONQUISTADOR CONQUISTADO de Manoel de Oliveira E O CORPO DE AFONSO de João Pedro Rodrigues ("folhas" distribuídas em separado).

A CONQUISTA DE FARO é o filme da primeira vez da realizadora Rita Azevedo Gomes com a escritora Agustina Bessa-Luís, anos antes de A PORTUGUESA (2018), a longa-metragem em que Rita filma um conto do austríaco Robert Musil a partir de uma adaptação de Agustina – "um enigma em cima do enigma" (expressão da realizadora) sob a forma de um guião de poucas páginas de diálogos. Ao contrário do que sucedeu nesse caso, em que o interesse pelo exemplar de um livro achado num alfarrabista levou à leitura de um de três contos, entretanto recomendado por Agustina, para A CONQUISTA DE FARO Rita procurou Agustina por procurar uma ideia. Ou então um enigma. Por essa altura, Faro preparava-se para uma "Capital Nacional de Cultura" e do Sul chegou uma inesperada encomenda de filme. Disponível para o imprevisto, a realizadora foi sondar inspiração a Norte, de onde a réplica veio pouco depois, como contou numa "folha-apresentação" da CONQUISTA: havia uma história, uma lenda ligada à Conquista de Faro por D. Afonso III aos mouros, Agustina escreveu o texto.

Foi depois do ALTAR (2003), outro filme secreto de Rita Azevedo Gomes. A CONQUISTA DE FARO, que tem um genérico de cal celeste com jogo de letras, começa com um fundo esbatido e manchas de cor forte em primeiro plano: o azul escuro acetinado do vestido e o vermelho vivo do largo chapéu que a

agustiniana Leonor Baldaque mostra antes de descobrir o rosto com um levantar de cabeça. A personagem é a alva mulher do professor interpretado por João Reis, e ambos um dos casais que se cruzam acidentalmente algures numa estalagem algarvia. Dois "emigrantes no casamento", ensinando ele em Évora e ela em Vila do Conde. Rita Durão (antes da VINGANÇA DE UMA MULHER, 2012) e Anísio Franco (ele sim, historiador de arte), ou a rapariga dos óculos cor-de-rosa e Lúcio, acolhem-nos numa mesa de terraço de onde não se vislumbra o mar, mas árvores frondosas filtradas à transparência, e se continua a escutar o vento quente que sopra logo de início misturado ao som do motor do automóvel dos viajantes. A conversa deriva para a alma, que ninguém aqui chama "um vício" ou "uma quimera" (um eco Agustina-Oliveira, FRANCISCA ou O PRINCÍPIO DA INCERTEZA), mas que aparece nos diálogos a propósito de distância e beleza, e da graça de uma filial contemporânea. Surge depois a história de Faro, cidade que se supõe próxima daquele poiso. "Lá vem o romance da Princesa moura", atira a mulher do vestido azul. E depois, pronto – ainda ela – "Começa a conquista de Faro". Divagam os convivas, servindo-se de borrego com hortelã cozinhado em barro. Funde-se o devaneio no sono da rapariga, com quem a câmara fica depois da série de "solos" que vão fixando as quatro personagens numa espécie de roda (embora à volta de uma mesa retangular e das cadeiras de braços em madeira e lona).

Da roda do filme toma parte esse episódio central do encontro dos casais, a sua entrada sono adentro em que a rapariga morena se confunde com a moura encantada sensível ao perfume de flores, talvez aloendros (ela não lembra o nome). A moura e a lenda são despertadas pela voz do professor de história que antes embala. Reclinada e afundada numa variação da luz, a rapariga adormecida marca uma passagem de cena, ou o seu desdobramento na representação do romance da princesa moura em que participam o alcaide de Faro, o Rei D. Afonso III e Dona Brites de Castela nos interpostos vultos dos protagonistas do almoço à beira do pinhal, que voltam para o café, traição à vista. "Liberdade, igualdade... Oxalá." O bis de uma fala fora do tempo da encantada moura há-de marcar o desfecho, mas antes o zumbido automóvel faz *raccord* longínquo com o motor do carro do casal viajante, que desaparece assim como aparece. Neste pequeno filme, a história ocupa-se do conto da lenda entre coordenadas ariscas e sonhadoras, enquanto a experiência se entrega à sugestão.

Interlúdio, e a propósito: da roda do filme toma também parte o salto em estridência que intromete Janis Joplin (*Ball & Chain*) sobre a imagem pop de um burro numa ponte suspensa algures numa auto-estrada nocturna à luz dos clarões de faróis. "Os perfumes da Arábia passaram todos." O branco do calor veranil do Sul cede ao negro de um fundido para o rasgão desse último "acto" em que o animal começa por parecer uma silhueta melancólica e mantém, na posição, "a pose" perfeita para o enquadramento. É um achado da CONQUISTA, que assim se mantém à distância de Faro, nesse improvável plano sequência que dura um pouco mais do que os enérgicos oito minutos da canção popularizada no Festival de Monterey de 1967. Costuma haver animais nos filmes de Rita Azevedo Gomes mas é bem possível que, de todos eles, o burro deste plano seja o mais inesperado acrescentando ao enigma.

Maria João Madeira